

MÁRIO MATOS

OS «CRUZEIROS ATLÂNTICOS»
DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL-SOCIALISTA
KRAFT DURCH FREUDE (1935-1939)
COMO ENCENAÇÃO POLÍTICO-CULTURAL
DA AMIZADE LUSO-ALEMÃ

Separata da obra "*Portugal-Alemanha: Memórias Imaginárias*"
Segundo Volume – Séculos XIX e XX
Coimbra 2010

Os «cruzeiros atlânticos» da organização nacional-socialista
Kraft durch Freude (1935-1939) como encenação
político-cultural da amizade luso-alemã

Mário Matos
Universidade do Minho / Braga

I

Nos tempos (não muito remotos) anteriores à «revolução dos meios de transporte» e à «era da globalização», a considerável distância geográfica e as profundas diferenças linguísticas entre Portugal e o espaço cultural de expressão alemã poderiam ter constituído factores fortemente inibidores no que diz respeito ao estabelecimento e desenvolvimento de relações mútuas. No entanto, assim não aconteceu. Pelo contrário, ao longo dos séculos foi-se tecendo entre estas duas regiões tão distantes entre si uma rede de contactos interculturais surpreendentemente densa e complexa cujas análises e respectivas representações metadiscursivas têm ocupado sucessivas gerações de estudiosos. Se bem que nem sempre com a mesma intensidade nem ao mesmo ritmo – e períodos houve em que, por exemplo, devido à «lenda negra», Portugal foi na opinião pública alemã praticamente votado ao silêncio, é inquestionável que essa construção, quer da história luso-alemã propriamente dita, quer da respectiva historiografia, assenta num multissecular processo (não linear, mas cumulativo) de numerosos cruzamentos interculturais aos mais diversos níveis.¹

¹ Vejam-se, a título exemplar, os diversos volumes de actas dos já tradicionais *Encontros Luso-Alemães*, que desde finais da década de 1980 reúnem regularmente estudiosos de diferentes áreas do saber (germanistas, lusitanistas e historiadores portugueses, alemães e austríacos) para debater as múltiplas relações entre as culturas lusófonas e germânicas, bem como a vasta lista de estudos sobre a temática luso-alemã (na sua maioria teses de Doutoramento e de Mestrado) publicados pelo *Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG)* na *Colecção Minerva/CIEG* e nos *cadernos do cieG* ou, ainda, as teses desenvolvidas no âmbito dos Mestrados em Estudos Luso-Alemães

Perante tão vasto campo de pesquisa, compreende-se que nem todas as épocas e facetas desta longa história das relações luso-alemãs tenham merecido por parte da investigação um enfoque proporcional ao «impacto real» do intercâmbio entre estes dois espaços geopolíticos e culturais no seu contexto original. As relações entre o Estado Novo e o Terceiro Reich, mormente durante os anos anteriores à II Guerra Mundial, em que se assistiu à solidificação dos respectivos regimes ditatoriais e se verificaram diversas afinidades ao nível ideológico, constituem uma dessas áreas relativamente pouco exploradas. Ainda que os estudos culturais e literários de índole germanista e lusitanista se tenham, sobretudo durante as últimas décadas, empenhado com acribia no levantamento e divulgação das mais diversas relações luso-germânicas, constatando-se, por razões óbvias, uma maior incidência sobre a produção e recepção literárias, não é, porém, a esses domínios de investigação que se deve o grosso dos trabalhos até ao momento redigidos a respeito dos múltiplos contactos entre a Alemanha nacional-socialista e o Portugal salazarista na década de 30 do século passado.² Na verdade, este relativo desinteresse dos germanistas e lusitanistas por uma época politicamente repressiva e culturalmente regressiva não representa uma surpresa. Se considerarmos tratar-se de um período histórico pouco ou nada propício à produção (inter)cultural baseada numa concepção humanista e cosmopolita e enquadrada nos parâmetros estéticos que, por tradição, sustentam os objectos de investigação e respectivos discursos académicos dos estudiosos da cultura, de facto, esse «capítulo sombrio» das relações luso-alemãs não se configura particularmente atractivo. À excepção do estudo da cultura alemã no exílio durante o regime nacional-socialista, fenómeno que trouxe a Portugal figuras importantes da vida artística, filosófica, cultural e literária da Alemanha e da Áustria – embora, na maior parte dos casos, apenas transitoriamente e sem que tenham deixado significativos registos literários dessa passagem por Lisboa como «sala de espera» para

oferecidos na Universidade do Minho, pois todos esses trabalhos revelam e documentam, de forma inequívoca, a imensidão e complexidade deste campo de pesquisa.

- 2 Entre os estudos historiográficos sobre as relações luso-alemãs nos anos que medeiam entre 1933 e o início da guerra destacam-se a investigação de António Louçã (1997) dedicada aos *Negócios com os Nazis*, o volume de Reinhold Schwarz (2006) sobre *Os Alemães em Portugal 1933-1945* e diversos contributos de Luís Reis Torgal (2009) que foram recentemente reunidos nos dois volumes da sua obra, significativamente, intitulada de *Estados Novos. Estado Novo* e em que os capítulos V e VI da Parte I (pp. 249-367) assim como o capítulo V da Parte II sobre o “Estado Novo, Europa e Atlântico” (pp.499-533) são de particular interesse para as relações luso-alemãs no período em questão.

a liberdade transatlântica –,³ do ponto de vista de uma germanística primordialmente vocacionada para as «belas letras», é natural que as multifacetadas zonas de contacto entre o Estado Novo e a Alemanha nazi não tenham, até há alguns anos atrás,⁴ suscitado o interesse da comunidade dos estudiosos das relações luso-alemãs.

Provavelmente impulsionado pela viragem de paradigma que, nos últimos anos, tem vindo a cunhar cada vez mais os estudos germanísticos no sentido de se auto-conceber como uma subárea dos Estudos Culturais (*cultural turn*), esse relativo desinteresse da investigação literária por uma época tão escassa em «boa cultura» sofreu nos tempos mais recentes, senão uma reviravolta, pelo menos uma notória alteração. Conforme ficou sinalizado pela organização (quase simultânea), em 2008, de dois colóquios relacionados, entre outros aspectos, com as relações luso-alemãs entre 1933 e 1945, cuja iniciativa se deveu a departamentos germanísticos de duas universidades portuguesas,⁵ tem-se vindo a

- 3 Sobre a passagem de figuras proeminentes da vida cultural alemã e austríaca por Portugal durante a sua fuga ao nazismo, vejam-se, entre outros, Gersão (1992), Mühlen (1992), Correia (1996) e Pimentel (2006). O caso de Ilse Losa (Lieblich, de nome de solteira), cuja ascendência judaica a levou, ainda muito jovem, a refugiar-se, em finais de 1933, no Norte de Portugal, nomeadamente no Porto, onde já se encontrava um dos seus irmãos e onde acabaria por permanecer até à sua morte em 2006, constitui uma rara excepção entre os refugiados do regime nazi que por aqui passaram por períodos muito breves. A respeito da vida e obra desta autora, leia-se Marques (2001 e 2009).
- 4 Alguns exemplos de um primeiro «despertar» de germanistas para esse nebuloso capítulo da história luso-alemã são representados pelo estudo de Opitz (1990) sobre o «retrato» contemporâneo do Estado Novo num livro do escritor de viagem alemão Friedrich Sieburg, que denota claras simpatias com os regimes do *Neues Portugal* e da Alemanha nacional-socialista, assim como pelas comunicações de Grossegessle (1996) e de Matos (1996) apresentadas ao *IV Encontro Luso-Alemão*, sendo que a primeira analisa a influência alemã sobre a criação da «Mocidade Portuguesa», enquanto a segunda fornece uma primeira abordagem do fenómeno do turismo da «Força pela Alegria» e seu impacto em Portugal, temática essa que resultaria numa tese de mestrado defendida em 1997, ano em que, curiosamente, também Emonts (1997) dedicou um breve artigo à passagem dos cruzeiros dessa organização nazi pela Madeira. Mais recentemente, há a destacar o catálogo bibliográfico editado, sob a coordenação de Maria Manuela Gouveia Delille e Karl Heinz Delille, em 2003, na série *cadernos do cieg*, que oferece à comunidade interessada nas relações luso-alemãs uma ferramenta muito útil sob a forma de uma listagem exaustiva das *Publicações do período nacional-socialista existentes no Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra*.
- 5 A saber, o *VIII Encontro Luso-Alemão*, na Universidade de Aveiro, sobre o tema *Ficção e História no Contexto Luso-Alemão*, em que foram apresentadas várias comunicações relacionadas com a época aqui especificamente abordada, assim como o colóquio interdisciplinar na Universidade do Minho (Braga) que foi exclusivamente dedicado às múltiplas *Zonas de Contacto: Estado Novo/ Terceiro Reich* e no qual foram debatidas as mais diversas relações entre os dois regimes, desde a germanofilia em instituições de ensino portuguesas, passando pelas diversas medidas da política cultural nazi em Portugal nos domínios da música erudita, da arte e da arquitectura, pelo tráfego

assistir a uma progressiva tomada de consciência de que as relações interculturais não se tecem apenas de momentos e elementos pródigos. Por muito que o lamentemos, a história remota e recente das relações internacionais tem-nos demonstrado que os contactos entre as culturas não se processam principalmente em conformidade com os nobres objectivos dos metadiscursos académicos. A realidade nua e crua é que a comunicação intercultural se configura mais sob a forma de monólogo do que de diálogo, mais como um instrumento para a estabilização do próprio do que como um meio de ir ao verdadeiro encontro do Outro. Menosprezar ou mesmo ignorar essa carga conflitual inerente às relações interculturais pode levar a que se contorne – ainda que não de forma premeditada e/ou propositada – aqueles períodos da história comum dos países aqui em causa que, em detrimento de um desejável cosmopolitismo humanista, a certa altura se caracterizaram por uma defesa mais acérrima de interesses próprios, conforme aconteceu de um modo exacerbado na época das ditaduras de cunho manifestamente nacionalista entre as duas guerras mundiais. Se entendermos os conceitos da História e da Cultura, não como entidades ética e ontologicamente «puras», mas antes como complexas configurações rizomáticas em que, para aqui citarmos livremente Walter Benjamin, a civilização e a barbárie coabitam, teremos de nos debruçar – mesmo sob o risco de uma destabilização do bem intencionado discurso da interculturalidade – também sobre as zonas mais sombrias da História, ou seja, neste caso concreto, não somente sobre os nós e laços do «esplendor» (inter)cultural, mas também sobre as «franjas» que fazem parte da densa tecelagem constituída pelas longas e intrincadas relações luso-germânicas.

Os tempos das «grandes narrativas» e da escrita linear que, em prol de um «sentido único», não permitem (auto)reflectir a sinuosidade inerente aos processos (inter)culturais já há muito que fazem (ou deveriam fazer) parte da própria História, tal como, de resto, a seguinte conclusão do estudo da autoria de Strasen e Gândara (1944: 464) sobre *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, obra que seria publicada poucos meses antes da derrota final do Terceiro Reich numa «guerra total» em que Portugal fora, apesar de oficialmente neutral, um aliado estrategicamente importante das diversas forças beligerantes:

de armamento bélico, até à presença maciça e, de certo modo, marcante dos refugiados do nazismo em algumas regiões portuguesas. Para quem possa estar interessado nas relações luso-alemãs na era do(s) fascismo(s) europeu(s), fica aqui a informação de que está prevista a publicação das actas destes dois colóquios.

A vida continua. Sejam quais forem as vicissitudes do Porvir, uma coisa se pode afirmar, com o exemplo e o penhor de oito séculos de estima e de cooperação recíprocas, de camaradagem europeia e de identidade de objectivos espirituais: a tradicional amizade luso-alemã viverá sempre, porque corre no sangue dos dois povos!

II

O próprio facto de o projecto supracitado ter sido desenvolvido, sob o patrocínio do Instituto Ibero-Americano de Berlim, por um parceria luso-alemã precisamente no auge do(s) fascismo(s) europeu(s) constitui por si só um claro indicador das multifacetadas tentativas de aproximação entre o Estado Novo e a Alemanha nacional-socialista. Mas a manifesta instrumentalização da «gloriosa» tradição do «lusofilismo» alemão (*ibidem*, 456) e da germanofilia portuguesa que caracteriza o referido estudo – estudo esse que, apesar do mérito de proceder, de forma pioneira, a um minucioso levantamento dos múltiplos contactos ao longo de oito séculos, denota, como se viu, uma nebulosa visão organicista, para não dizer rácica, das relações interculturais, nitidamente enquadrada com a ideologia nacional-socialista – foi apenas um meio, entre outros, a que se recorreu para legitimar e solidificar as «afinidades electivas» entre duas «grandiosas nações», que então se auto-concebiam ambas como «fortalezas de defesa», quer contra a alegada decadência de um Ocidente demoliberal, quer contra a «ameaça comunista» no Leste.

Uma forma mais eficaz do ponto de vista mediático do que a do recurso a um discurso (pseudo)científico retoricamente empenhado na construção de uma histórica «aliança sanguínea» luso-alemã, com vista a incentivar, em tempos de conflito, um forte sentimento de união entre dois países geograficamente tão distantes, foi o turismo sob a alçada da organização nazi *Kraft durch Freude* (*KdF*) [Força pela Alegria], organização essa que, entre 1935 e 1939, possibilitou a um total de cerca de 20 mil cidadãos alemães (e, depois da anexação da Áustria em 1938, também a algumas centenas de austríacos) obterem *in loco* as suas primeiras impressões do longínquo e exótico «país amigo» chamado Portugal. O interesse e potencial dessa «familiarização» (aparentemente, apenas) turística para os propósitos do estreitamento das relações luso-alemãs são, ainda que sob a forma da característica demagogia populista nazi, atestados pela seguinte afirmação de Strasen e Gândara (*ibidem*, 462):

Um importante elemento de aproximação luso-alemã foram as viagens dos navios da «Força pela Alegria». Não se pode deixar de falar nele. Milhares de operários – genuínos representantes do povo alemão – tiveram ensejo de conhecer as belezas

de Lisboa, da Madeira e de muitos outros pontos de Portugal, de onde levaram indeléveis recordações. Maravilhas de Arte, padrões de História, paisagens admiráveis passaram a ser familiares a numerosos homens e mulheres – simples empregados, operários e camponeses – da Alemanha, a quem foi despertado o desejo de estudar o passado e o presente de um povo que tanto os interessou.

Conforme de seguida me proponho demonstrar, as multifacetadas funções que o regime nacional-socialista atribuiu aos «cruzeiros atlânticos» da «Força pela Alegria» extravasaram largamente o domínio turístico e o alegado despertar de um interesse de índole meramente (inter)cultural. Para averiguar em que medida o gigantesco e dispendioso aparato da KdF terá contribuído, quer para a aproximação luso-alemã e respectivas auto- e hetero-imagens colectivas, quer para a execução das estratégias ideológicas do regime do Terceiro Reich ao nível da política nacional e internacional, farei primeiro uma breve apresentação do contexto político e sociocultural em que se insere essa peculiar variante de um turismo de massas de cariz alegadamente social. Depois dessa contextualização, procederei a uma análise, necessariamente sucinta, das diversas formas de mediatização (literária, jornalística e imagética) das viagens marítimas da «Força pela Alegria» com escalas em Lisboa e na Madeira. Os principais objectos de observação serão constituídos, por um lado, pelas encenações textuais das «impressões portuguesas» patentes em diversos relatos públicos e secretos dessas viagens e, por outro, pela recepção da mediática presença dos navios e turistas da KdF em alguns artigos da imprensa portuguesa da época.

III

Num artigo dedicado às «transformações do relato de viagem na Alemanha entre 1918 e 1945», Peter J. Brenner (1997: 143) constata: «Die Reiseliteratur ist in der literarhistorischen Forschung [...] des Dritten Reiches [...] praktisch völlig unbeachtet geblieben.» [A literatura de viagens passou quase completamente despercebida à investigação histórico-literária do Terceiro Reich.] Essa surpreendente lacuna na abundante e minuciosa investigação germanística sobre a literatura de viagens já fora, de resto, alguns anos antes, apontada pelo mesmo autor na sua monumental monografia dedicada a esse género textual (Brenner, 1990: 628 ss.):

[Es] ist zu vermuten, da während dieser Zeit [des Nationalsozialismus] eine Fülle von Reiseberichten erschienen ist, die eine spezifische Funktion gehabt haben und entsprechende eigene Formen herausgebildet haben dürften. Denn das »Dritte Reich« hat sich wie vieler anderer moderner Techniken und Lebensformen

auch virtuos des touristischen Reisens bemächtigt und es zum Medium von Herrschaftsstabilisierung bis in den Freizeitbereich hinein ausgebaut.

[É de supor que durante esse período tenha sido publicada uma imensidão de relatos de viagens que terão tido uma função específica e que, por conseguinte, terão desenvolvido formas peculiares do género. Pois o Terceiro Reich apoderou-se de um modo virtuoso, tal como de muitas outras técnicas e formas de vida modernas, também da viagem turística, transformando-a num meio de estabilização do seu poder que se estendeu até ao domínio dos tempos livres.]

De facto, no contexto do processo da *Gleichschaltung*, ou seja, da «sincronização» ou «uniformização» de todas as áreas da sociedade que o regime nacional-socialista encetou logo que chegou ao poder com uma mestria incomparável a qualquer outro regime ditatorial, também o domínio dos lazeres, nomeadamente o turismo, fora submetido ao controlo do Estado. Assim, no dia 2 de Maio de 1933 foram desmanteladas todas as organizações sindicalistas, assim como outras associações dedicadas à ocupação dos tempos livres, sendo substituídas pelo pseudo-sindicato da *Deutsche Arbeitsfront* (DAF) [Frente de Trabalho Alemã] que filiava sob sua alçada obrigatoriamente todos os «trabalhadores», conceito este que na ideologia nazi, demagógica e populisticamente dilatado, abrangia tanto o agricultor, passando pelo operário fabril e empregado da área dos serviços como os próprios patrões. Basicamente inspirada no modelo do fascismo italiano, que já na década de 20 criara uma organização de lazeres com o nome *Dopolavoro*, instituiu-se então, como suborganização da «Frente de Trabalho Alemã», a já referida *Nationalsozialistische Gemeinschaft Kraft durch Freude* (KdF), ou seja, a «Comunidade Nacional-Socialista Força pela Alegria», cuja secção de turismo, a *Amt für Reisen, Wandern und Urlaub*, iria empenhar-se, até ao início da guerra, na organização de dezenas de milhares de excursões a nível nacional e de várias centenas de viagens ao estrangeiro. De acordo com os investigadores das ciências do turismo, este forte empenho na área do turismo terá transformado a *Kraft durch Freude* – embora com outras funções se não apenas esta – no «maior operador turístico da época a nível mundial» (Spode, 1991: 82). O projecto megalómano da construção de uma estância balnear na ilha de Rügen no Mar Báltico que albergasse sob a alçada da «Força pela Alegria» 20 mil veraneantes ao mesmo tempo, ainda que devido aos elevadíssimos custos da guerra tivesse ficado por concluir,⁶ representa um reflexo inequívoco da importância que o regime nacional-socialista atribuía ao controlo dos tempos livres, e isto precisamente com o intuito de que esses tempos e espaços privados deixassem de ser «livres».

6 Veja-se, a este respeito, Rostock/Zadnicek (1992).

A par das populares viagens de comboio à Itália, parte significativa das excursões da «Força pela Alegria» ao estrangeiro aconteceram sob a forma de viagens marítimas que o regime propagandeava como «cruzeiros de operários» (*Arbeiterkreuzfahrten*), não obstante o facto comprovado de nem sequer 20% do total dos turistas que usufruíram deste tipo de viagens ter pertencido à classe trabalhadora. Os «navios sem classes» da KdF foram utilizados tanto em cruzeiros no Mar do Norte e no Báltico, nomeadamente nas viagens muito populares pelos fiordes da Noruega, como também em cruzeiros mediterrânicos. Estes últimos incluíam destinos tão variados como a costa meridional e arquipélagos da Espanha, a Itália, a costa dálmata, a Grécia e até o Norte de África, onde faziam escala em Trípolis, capital da Líbia, então colónia italiana. Como facilmente se poderá constatar, exceptuando os países escandinavos – em que por razões de incompatibilidades políticas se prescindiu de excursões em terra – todos estes Estados turisticamente visitados sob a bandeira da «roda solar» (*Sonnenrad*), o símbolo oficial da «Força pela Alegria», faziam parte de um grupo de países que se poderá designar de uma Europa fascizada entre as duas guerras mundiais. A par desses cruzeiros mediterrânicos, as chamadas *Atlantikfahrten* rapidamente se transformariam na mais apetecida e mais prestigiada oferta do programa de luxo das *KdF-Kreuzfahrten*. Com uma duração média de aproximadamente duas semanas, o pacote dessas «viagens atlânticas» incluía escalas de dois a três dias em Lisboa e no Funchal. Enquanto à capital portuguesa e à Madeira se organizaram, entre 1935 e 1939, ao todo cerca de uma dezena de cruzeiros que trouxeram ao território português um total de mais ou menos 20 mil turistas germânicos, os Açores, por razões climáticas pouco favoráveis para saciar a enorme «fome de sol» dos povos setentrionais, estiveram apenas por uma vez, na Primavera de 1935, na rota desses cruzeiros atlânticos.

O impacto real não só desses cruzeiros, verdadeira jóia de coroa e montra internacional da política social do regime nazi, mas também de outras medidas relacionadas com a área do trabalho e dos lazeres, como, por exemplo, o direito legal a férias pagas para todos os trabalhadores e o empenho do regime no sentido de minimizar os custos da viagem turística tornando-a assim mais acessível às camadas sociais menos favorecidas, é inquestionável. Passadas duas décadas sobre a «querela dos historiadores» (*Historikerstreit*), cuja polémica teve a inestimável vantagem de ter causado uma profunda discussão e detalhada revisão das mais diversas facetas do nacional-socialismo, essa vertente modernizante do fascismo – sobretudo na sua versão totalitária alemã – é hoje um aspecto consensual entre os especialistas, ainda que se trate de uma «vorgetäuschte Modernität» (Mommsen, 1991), isto é, de uma «modernidade simulada», ou de um «reactionary modernism» (Herf, 1984), que se caracterizou por uma «dupla face» de sedução e repressão, de fascínio e violência

(cf. Reichel, 1993). Na perspectiva mais específica das ciências do turismo, as viagens da *Kraft durch Freude* constituem precisamente um dos referidos factores de modernização, já que representam um ponto de viragem na evolução desse domínio sociocultural, sendo consideradas uma etapa inovadora e decisiva no sentido, não ainda de uma democratização da viagem, conforme o próprio regime nazi alegava, mas de uma popularização e tendencial massificação da viagem (cf. Spode, 1991).

IV

Ora, como é evidente, essas transformações ao nível da organização e do funcionamento das práticas turísticas ocorridas nos anos de 1930 têm também implicações significativas no que diz respeito à questão da representação da viagem. Uma vez que o objectivo principal da organização «Força pela Alegria» não era, de modo algum, o de «criar uma associação de excursionistas, nem um clube de diversão» para «apenas se ficar a conhecer a Itália ou se ver Portugal», como salientava Robert Ley, o responsável máximo dessa instituição, num discurso proferido a bordo de um navio da *KdF* em 1938, mas sim o de, em última instância, «fortificar os nervos dos alemães» para que, quando o Führer decidir solucionar a «questão urgentíssima da falta de solo», os «80 milhões de alemães» possam enfrentar essa tarefa com vigor (*apud* Frommann, 1992: 113),⁷ a questão da encenação e divulgação desses «cruzeiros para trabalhadores» por via de todos os meios/média possíveis assumir-se-ia como um factor de importância extrema para o regime. É pois sobejamente conhecida a centralidade que a política nacional-socialista, mormente na pessoa do Ministro de Propaganda Goebbels, atribuía às novas tecnologias, sobretudo porque estava bem ciente da particularidade de os novos meios audiovisuais, como a fotografia, a rádio e o cinema, apelarem, por contraste à palavra escrita, muito mais aos sentidos do que ao sentido, isto é,

7 O discurso de Ley transcrito por Frommann a partir de uma gravação sonora é o seguinte: «Alles das, was wir tun, dieses Schrift, „Kraft durch Freude“, alles, alles, alles dient nur allein dem einen, unser Volk stark zu machen, damit wir diese brennendste Frage, daß wir zu wenig Land haben, lösen können. [...] Wir fahren Sie nicht in die Welt hinaus zum SpaÙe, ich habe hier nicht einen Reiseverein gegründet, „Kraft durch Freude“, Amüsierklub oder ähnliches, das lehne ich ab – oder nur um Italien kennenzulernen oder Portugal zu sehen, das ist lächerlich und mir auch furchtbar gleichgültig – nein, damit Sie Nerven bekommen, damit Sie Kraft haben, daß, wenn der Führer einmal diese letzte Frage lösen wird, dann 80 Millionen in höchster Kraft hintreten vor ihn.»

mais ao sentimento do que à razão, representando, por isso, meios mais propícios à «teatralização» da realidade política, social e cultural. Vejamos, portanto, como é que se procedeu à encenação e mediatização desses eventos turísticos da KdF, nomeadamente das «luxuosas» viagens marítimas supostamente destinadas ao «povo simples», mas das quais, em boa verdade, em média nem sequer um em cada mil alemães pôde usufruir.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o fenómeno da viagem, quer como tema literário e símbolo de emancipação política, quer como prática sociocultural, tinha registado um impressionante incremento. Tanto na sua vertente exótica e subliminarmente imperialista, representada por escritores como Edwin Erich Dwinger ou Hans Grimm na sua obra programática *Völk ohne Raum* [Povo sem Espaço], como também numa vertente vincadamente politizada da literatura de viagens, que nos anos vinte contou com representantes ligados aos movimentos socialista e comunista tão proeminentes como Ernst Toller, Kurt Tucholsky ou Egon Erwin Kisch, assistira-se, sobretudo nos anos da República de Weimar, a um fenómeno que Siegfried Kracauer (1977: 40 ss.) descrevera, num ensaio originalmente publicado em 1925, como uma nova «paixão espaciotemporal» («raumzeitliche Passion») e uma enorme «vontade de viajar» («Lust am Reisen»), que, em conjunto, formariam o que ele apelida de um «culto do movimento» («Kult der Bewegung»), ou seja, de um verdadeiro frenesim de mobilidade, que atravessaria toda a sociedade. Contrariamente à opinião corrente de que o Terceiro Reich significou o fim abrupto dessa evolução, o regime nacional-socialista não só demonstrou saber do enorme valor simbólico e sentimental da viagem, como tomaria uma série de medidas para o funcionalizar a seu favor. Por isso mesmo, fomentou toda e qualquer forma da representação da viagem e encetou todos os esforços para instrumentalizar a generalizada apetência turística no sentido dos seus propósitos ideológicos. Perante esses fins de doutrinação e a consequente estabilização do regime, seguiu-se uma estratégia de mediatização que tentava conciliar a tradição com as inovações no domínio dos novos *massmedia*. Deu-se, assim, por um lado, continuidade ao «velho» relato de viagens, convidando-se escritores enquadrados na *Weltanschauung* nazi a participarem nas viagens marítimas da «Força pela Alegria» para depois as encenarem sob as mais diversas formas literárias. Por outro lado, investiu-se sobejamente em variadíssimos meios e formatos visuais, tais como brochuras, «atlas de bolso» (*Taschenatlas*) com informações diversas sobre o funcionamento e os trajectos da frota da KdF, postais ilustrando os imponentes paquetes, «libretos» com as notas e letras de canções que se deveriam cantar alegremente em grupo durante as viagens terrestres e marítimas, assim como livros de divulgação luxuosamente encadernados e recheados de

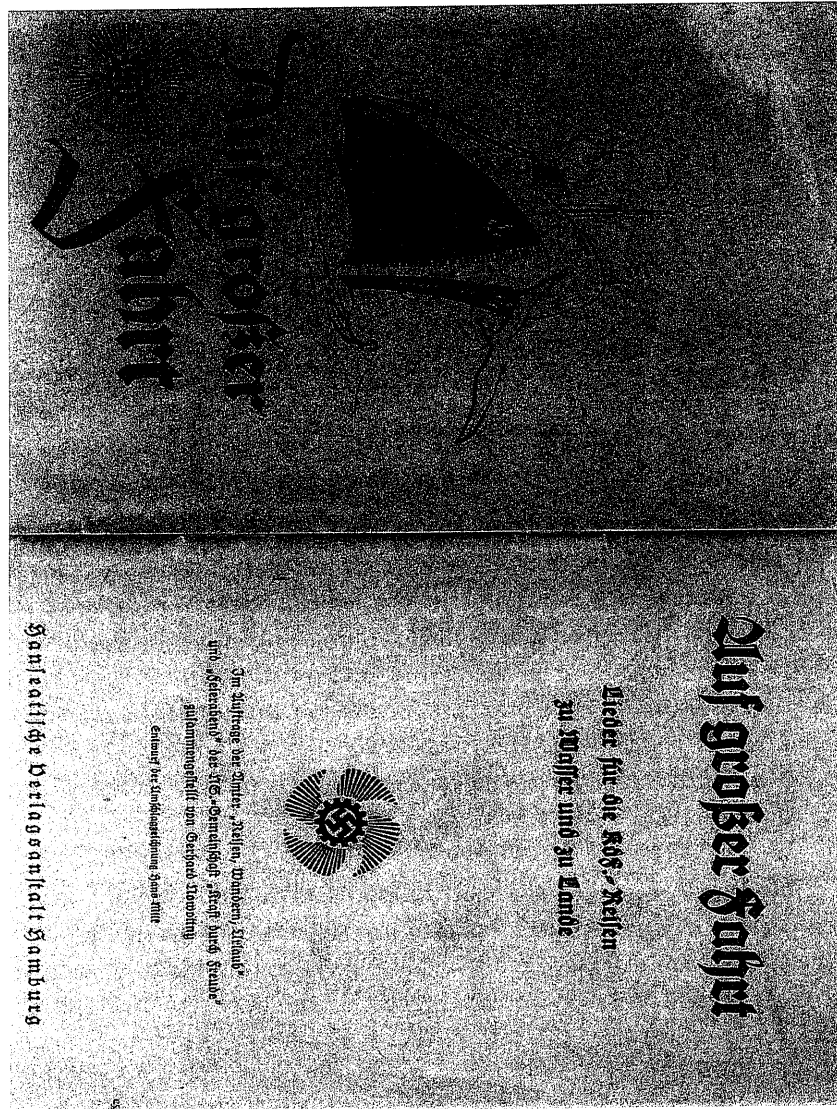


Capa e contracapa do *Atlas de bolso* da «Força pela Alegria».

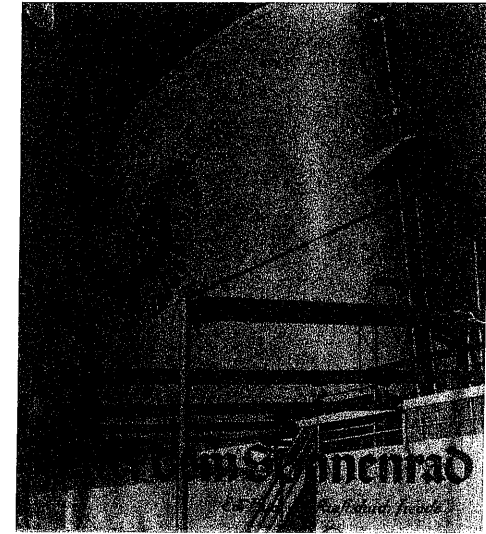
fotografias dos «cruzeiros para operários», eventos esses que também passariam a ser repetida e insistentemente evocados na imprensa jornalística e nos mais diversos tipos de revistas. Mesmo no cinema, nomeadamente na *Wochenschau*, isto é, uma espécie de «telessemanário» de então, se passavam filmes pseudodocumentais sobre as viagens atlânticas e mediterrânicas.⁸ Esta quase omnipresença audiovisual dos exóticos cruzeiros da «Força pela Alegria» era ainda intensificada por uma imensidão de coloridos cartazes a «adornar» o espaço público, cartazes esses que eram afixados em montras do comércio e nos corredores das mais diversas instituições privadas e repartições estatais.

Em suma, podemos considerar que em torno do fenómeno do turismo da «Força pela Alegria» emergiram novas formas «intermediais» da representação da viagem que extravasariam o seu tradicional meio constituído pelo «bom velho livro» de viagens. Para além de terem proporcionado aos poucos privilegiados que

⁸ Durante as minhas investigações, deparei, no *Bundesarchiv* (BA) do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha, com dois filmes especificamente dedicados às «viagens atlânticas» com os títulos paradigmáticos *Arbeiter heute* e *Schiff ohne Klassen*, metragens essas que tive oportunidade de apresentar ao *IV Encontro Luso-Alemão* (Lisboa, 1995) no formato de uma cópia em vídeo autorizada do BA.



O cancioneiro da «Força pela Alegria». Capa e contracapa.



Capa da luxuosa publicação *Sob a Roda Solar*, um volume repleto de fotografias de diversos cruzeiros.

de facto nelas participaram de forma activa um contacto físico-real com paisagens e povos estrangeiros, as viagens marítimas da *Kraft durch Freude* representaram, para a esmagadora maioria da população alemã, experiências mediatizadas, por assim dizer, viagens virtuais num espaço semiótico multimedial extremamente denso, antecipando assim, de certa forma, as vivências telemáticas de espaços longínquos que os «canais mágicos» (McLuhan), isto é, a televisão e, posteriormente, o *hypermedium* Internet, viriam a aperfeiçoar. Mais do que à experiência turística propriamente dita, ao contacto com o Outro numa situação de *face to face*, o enorme sucesso e a grande popularidade da secção de turismo da «Força pela Alegria» ter-se-á portanto primordialmente devido à hábil estratégia de se ter abundantemente adornado, numa espécie de *visual overload*, o espaço público com as mais variadas alusões e representações visuais desse fenómeno.

V

O efeito dessa omnipresença visual dos cruzeiros da KdF a destinos então percebidos como regiões exóticas, como, por exemplo, Portugal e, sobretudo, a Madeira, seria adicionalmente potenciado por outros factores que transcendem a



Cartazes de publicidade aos cruzeiros da «Força pela Alegria».

dimensão meramente medial a que me tenho vindo a referir. O forte impacto que esse fenómeno terá causado junto da opinião pública alemã e estrangeira ter-se-á também devido a motivos de índole tão diversa como a carga simbólica inerente à própria imagem da viagem marítima e do navio como metáforas ancestrais, assim como ao *modus* viático do cruzeiro, a que ainda hoje associamos conceitos como o luxo e o exotismo, nomeadamente, quando envolve passagens por ilhas. Além destes aspectos relacionados com o que se poderá considerar os duradouros e persistentes «imaginários colectivos», há ainda a atender a factores, por assim dizer, mais mundanos e meramente quantitativos, tal como o facto de esses cruzeiros raramente terem sido organizados apenas com recurso a um único navio, mas a toda uma frota composta de três ou mais paquetes com um total de cerca de três mil turistas a bordo. As «viagens para trabalhadores» propagandeadas por todos os meios imagináveis não poderiam ter passado despercebidas nem aos alemães, que se moviam diariamente no espaço medial acima descrito, nem aos povos visitados, neste caso concreto, aos habitantes de Lisboa e do Funchal. Recordemo-nos de que estes cruzeiros se realizaram na década de trinta, portanto numa altura em que Portugal continental não era, nem de perto nem de longe, o país turístico em que se foi transformando a partir de finais dos anos 1960 e cuja população está hoje sobejamente habituada à presença maciça de estrangeiros. Um grupo enorme de três a quatro milhares de excursionistas alemães desembarcando

todos no mesmo dia e espalhando-se por Lisboa e arredores em apenas poucas horas teria obrigatoriamente de saltar à vista dos residentes das regiões visitadas. Os jornais portugueses da época reflectem abundantemente o impacto dessas «invasões» semestrais pelos vários milhares de «vikings da KdF» – sendo esta, aliás, uma autodesignação utilizada pelo escritor Jakob Schaffner (1936: 68) num dos relatos dessas viagens a Portugal com o título emblemático de *Völk zu Schiff* [Povo a Bordo]. Neste sentido, não é particularmente surpreendente que as numerosas notícias, quase sempre de primeira página, sobre esses eventos nos mais diversos diários portugueses também não tenham passadas despercebidas a José Saramago durante o seu estudo dos arquivos jornalísticos com vista à reconstrução literária do quotidiano lisboeta em 1935/36, ou seja, o tempo narrado no seu romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, no decorrer do qual o seu protagonista depara com

uma fila de carros eléctricos apinhados de gente loura de cabelo e rosada de pele, são alemães excursionistas, operários da Frente Alemã do Trabalho, quase todos vestidos à moda bávara, de calção, camisa e suspensórios, o chapelinho de aba estreita, pode-se ver facilmente porque alguns dos eléctricos são abertos, gaiolas ambulantes por onde a chuva passa quando quer, [...] que irão dizer da nossa civilização portuguesa estes trabalhadores arianos, filhos de tão apurada raça, que estarão eles pensando agora mesmo dos labregos que param para os ver passar [...]. (Saramago, 1984: 217)

O que os turistas da *KdF* terão de facto pensado da «civilização portuguesa» e dos «labregos» lusos é, evidentemente, impossível saber; mas qual a impressão e a imagem com que alguns escritores e ideólogos do regime nazi queriam que eles ficassem, disso já é possível aproximarmo-nos através da análise de diversos relatos sobre esses cruzeiros. Inversamente, o estudo dos artigos da imprensa portuguesa de então sobre esses eventos dá-nos também a possibilidade de intuímos a imagem oficial dos turistas da «Força pela Alegria» que os *opinion makers* do regime salazarista terão desejado incutir aos portugueses. A respeito desta imagem transmitida pelos jornais (censurados) do Estado Novo,⁹ pode-se afirmar, em termos sucintos, que consistiu *grosso modo* numa visão deveras apologética do fenómeno *Kraft durch Freude*, já que – e cito, a título de exemplo representativo de muitas outras referências a esse respeito na imprensa da época, uma breve passagem

9 Para uma abordagem mais detalhada da recepção do fenómeno *KdF* na imprensa portuguesa, veja-se Matos (1997: 135-143).

d'O *Comércio do Porto* do dia 20 de Março de 1935 – «é lisonjeiro para nós registar que Portugal é o primeiro país a receber esta embaixada de paz e trabalho». N'O *Século* (17.03.1935) elogia-se a exemplar «ordem, disciplina e alegria» dos turistas da «Força pela Alegria», que num artigo publicado no *Diário Português* editado no Rio de Janeiro (23.10.1937) são descritos como «gordas damas, homens altos e fortes, faces duras e tismadas de sol – homens de trabalho e não turistas ociosos e endinheirados (que) animaram a cidade (de Lisboa)». Para reforçar a simpatia com que a população portuguesa deveria acolher esses turistas alemães, além de se apelar à positiva auto- e hetero-imagem do povo luso tradicionalmente tido por hospitaleiro, na imprensa portuguesa também se recorreu a uma argumentação menos «sentimentalista», por assim dizer, mais racionalista, pragmática e economicista, por via da qual se tentava demonstrar os benefícios materiais e políticos para Portugal proporcionados pelas «amigáveis visitas» da «Força pela Alegria». Assim, num longo artigo publicado no *Diário da Manhã* de 8 de Outubro de 1937, com o título «A Kraft durch Freude e a Propaganda de Portugal», o alto-funcionário do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) António de Menezes, um declarado germanófilo que na década de 30 viajou pela Alemanha, tendo inclusivamente participado num cruzeiro pelos fiordes da Noruega a convite de Robert Ley, escreve o seguinte:

A população de Lisboa já está habituada a estas visitas [da Força pela Alegria] e é com carinho e interesse que as acolhe, curiosa das suas impressões e preferências e encantada com a alegria e a compostura dos milhares de excursionistas. Estes visitam a cidade em densos grupos, movimentam os cafés e as cervejarias. [...] Tratando-se a Alemanha do país que anualmente maior número de turistas nos envia, e que actualmente mais se entrega ao prazer das viagens – a KdF é ali o nosso melhor agente de propaganda. [...] Portugal tem no Dr. Roberto Ley [...] – bem como na Secção de Viagens da agremiação operária – um dos melhores e um dos mais dedicados admiradores e dos mais poderosos colaboradores na tarefa de tornar conhecidas as nossas belezas naturais e o carácter do nosso povo. [...] A propaganda turística de Portugal na Alemanha, nos últimos anos, tem sido levada a efeito na quási totalidade pela KdF, pelos seus operários e pelos milhares de turistas alemães que semanalmente nos visitam. [...] O resultado final é, assim, para nós, extremamente lisonjeiro, e faz aumentar a nossa simpatia pelo povo alemão e torna-nos especialmente gratos à KdF.

Hábil propagandista dessa nova «amizade de povo para povo», no mesmo artigo, Menezes empenha-se também em exaltar a auto-estima dos leitores portugueses e descrever-lhes, «verdadeiro» mediador intercultural, algo da «cândida» e «melancólica» psicologia dos alemães:

Quando regressam ao seu país, estes operários da KdF vão cheios do calor do clima do sul, vibrantes do acolhimento simpático da nossa população e impregnados com o bálsamo duma viagem de 15 dias na esfera azul do Atlântico. Durante meses, durante uns anos, Lisboa, a Madeira e Portugal são o assunto predilecto da sua conversa, encanto das noites de visitas íntimas, a curiosidade satisfeita dos amigos à beira de sucessivas canecas de cervejas e do «Abendbrot», querem ouvir contar da luminosidade do nosso sol, da pureza do nosso céu, do exotismo das palmeiras que temos, do calor do nosso sangue e do ímpeto da nossa raça. Sobre as mesas da sala de estar há livros, gravuras, álbuns de postais e de fotografias que lembram a viagem e dela falam, que atestam aos amigos o recente e invejável contacto com a gente e a paisagem do sul. [...] Enfim, poucos são – e disso temos prova testemunhal – os que não levam uma agradável impressão de curiosidade e de inédito, bordada sobre qualquer pormenor que lhes feriu a atenção e a nós passa despercebido, deixando-lhes no cérebro e no coração uma saudade, uma doce recordação que é a nossa melhor propaganda. Sobre esse ponto de vista nenhum povo como o alemão é mais grato e mais facilmente satisfeito, sabendo procurar a nota folclórica, colhendo-a com benevolência e ternura e exaltando-a com entusiasmos.

Perante as estratégias de uma escrita deveras apelativa que se podem denotar neste trecho, será mesmo caso para se dizer que este propagandista profissional português aprendeu bem a «lição alemã» do mestre Goebbels. Pois, qual seria o português que, depois de ler esta doce descrição do turista alemão regressado a casa, ainda seria capaz de o receber na próxima paragem em terras lusas sem simpatia e entusiasmos?

VI

Mas passemos agora ao outro lado, isto é, à hetero-imagem dos portugueses que os «escrivães» do regime nacional-socialista se empenharam em projectar nas cabeças dos seus leitores. Desde já, há a constatar que sobre as «viagens atlânticas» e as passagens por Lisboa e pelo Funchal propriamente ditas há um *corpus* textual bastante diversificado.

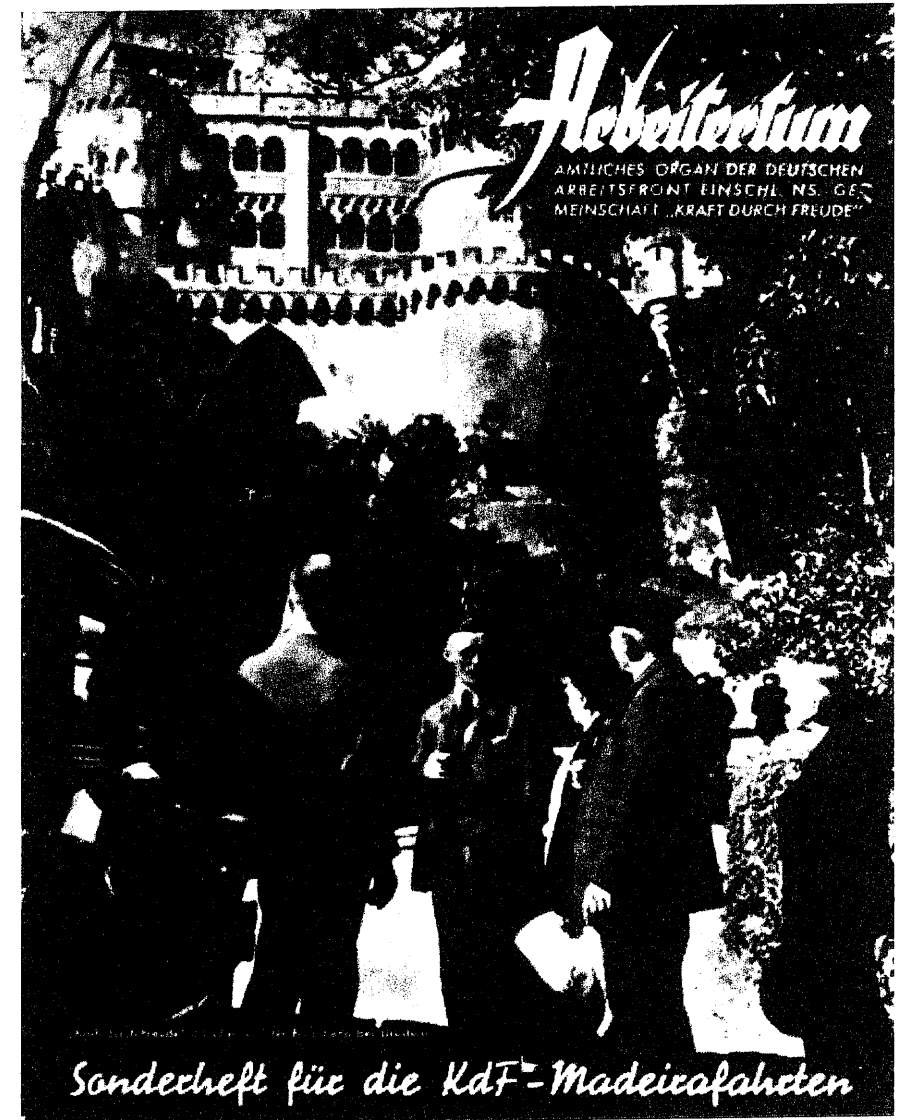
Além de várias reportagens mais ou menos breves na imprensa alemã, entre as quais se destacam as publicadas no órgão oficial da «Força pela Alegria», a revista quinzenal *Arbeitertum*, destacam-se os relatos de viagens semi-ficcionais de Jakob Schaffner (1936) *Völk zu Schiff* e de Hans Biallas (1936) com o título *Der Sonne entgegen* [Rumo ao Sol], assim como a antologia *KdF – Das große Urlauberschiff* [Força pela Alegria – O Grande Navio de Turistas], editada por Otto Paust (1936), em que ombreiam textos de escritores conhecidos com os

de turistas anónimos, alegadamente participantes dos «cruzeiros de operários». Esta diversidade dos géneros beletrísticos é complementada por uma peça de teatro de August Hinrichs (1936) com o título *Petermann fährt nach Madeira* [Petermann Viaja até à Madeira], tratando-se de uma «heiteres Bühnenstück» [comédia] de cunho populista que, durante o ano de 1936, foi levada a cena em diversas cidades alemãs. Nesta peça o sisudo e ensimesmado protagonista Petermann é submetido a um processo catártico, até finalmente se dissolver na «comunidade de bordo» que aqui reflecte o ideal místico nacional-scoacialista de uma *Völksgemeinschaft* unida pelos laços sanguíneos da raça ariana. Todas estas publicações reportam-se às primeiras «viagens atlânticas» empreendidas em 1935 e 36. Em 1940, portanto já depois do início da guerra e o respectivo término dos «cruzeiros dos operários», edita-se ainda uma reportagem de Karl Busch (1940), luxuosamente encadernada e faustosamente ilustrada com fotografias, sobre as viagens ao «magnífico mundo colorido» das «Ilhas da Felicidade», que são a Madeira e a ilha espanhola de Tenerife, com o longo e arcaizante título – fazendo lembrar os dos relatos de viagens renascentistas – *Nach den "Glücklichen Inseln". Mit KdF-Flaggschiff "Robert Ley" nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa*.

Face à conjuntura da política diplomática de então, ou seja, a de uma aproximação internacional de espécie «pan-fascista», não surpreende que a imagem de Portugal transmitida nesse género da «literatura de viagens KdF» seja, de um modo geral, francamente positiva. Em todos os relatos são salientadas as «afinidades electivas» entre dois Estados que tinham optado pela via das «revoluções nacionais», do antiparlamentarismo, dos partidos únicos, de regimes autoritários com chefes carismáticos, de modo a resistirem aos alegados malefícios das «decadentes democracias» e do temível bolchevismo e assim reataram os laços dos passados gloriosos do povo alemão e português. A seguinte passagem do livro de Schaffner (1936: 68-69) representa, a este respeito, um exemplo bastante elucidativo:

[Die KdF-Wikinger] treffen die Küste, geschichtlich gesprochen, in aufsteigendem Zustand. Seit einigen Jahren führt in Portugal ein Mann, dessen Name mit Liebe und Ehrfurcht auf allen Lippen ist: Oliveira Salazar, der Premierminister, der langsam aber sicher das Land aus dem Sumpf der letzten Epoche herausleitet. Kein lieberer Anblick kann einem erwachenden Volk begegnen als ein anderes erwachendes Volk! Das ist noch ein Grund zur Freundschaft. Diesen Fahrten können noch sehr tiefe außenpolitische Wirkungen beschieden sein.

[(Os vikings da «Força pela Alegria») encontram a costa portuguesa, de um ponto de vista histórico, num estado de ascensão. Há alguns anos que Portugal é chefiado por um homem, cujo nome se encontra carinhosa e respeitosamente na boca de



Número especial da revista *Arbeitertum* dedicado às «viagens madeirenses».

toda a gente: Oliveira Salazar, o Primeiro Ministro, que conduz o país, de forma lenta mas firme e segura, para fora do pântano da época passada. Para um povo a despertar não há visão mais agradável do que a de um outro povo a despertar! Isto é mais uma razão para a amizade. Estas viagens ainda poderão surtir efeitos muito profundos ao nível de política externa.]

Esta imagem explicitamente politizada de Portugal e da amizade luso-alemã é complementada por enfáticas e repetidas evocações do carácter exótico simbolizadas por «emblemas» nitidamente turísticos, tal como o Sol, o céu limpidamente azul, o intenso colorido da fauna e da flora, assim como, evidentemente, o mar e as palmeiras. É esta a visão «paradisiaca» que se oferece logo à chegada a Lisboa. Ainda a bordo do navio, os viajantes deparam com o seguinte cenário em que o apelo do exótico se mistura com o orgulho pátrio simbolizado pelas bandeiras nazis na embaixada alemã:

Vom hohen Bord der Schiffe aus, von wo aus sich ein guter Überblick bietet, haben die Urlauber Zeit genug, die fremde Welt zu betrachten. Zwischen den Kranen und Lagerhäusschen auf den Hafenanlagen stehen Palmen. Überall wachsen Pinien, Zypressen und blühende Gärten mit einer Farbenpracht, wie sie nur die südliche Sonne hervorbringen kann. Hoch oben über der Stadt erhebt sich das Gebäude der Deutschen Gesandtschaft. Zwei riesige Hakenkreuzfahnen wehen darüber. (Biallas, 1936: 32)

[A partir do alto do navio, que oferece uma boa panorâmica, os turistas (da KdF) têm tempo suficiente para observar o mundo estranho. Entre as gruas e os armazéns na zona portuária existem palmeiras. Por todo o lado crescem pinheiros, ciprestes e jardins florescentes de uma riqueza de cores que somente o Sol meridional consegue criar. Lá no alto sobre a cidade ergue-se o edifício da Legação Alemã, sobre o qual ondulam duas gigantescas bandeiras com a cruz suástica.]

É fácil perceber-se que esta descrição «romântica», verdadeiro quadro *kitsch*, é tudo menos ingénua. Apesar de em todos os relatos desses «cruzeiros atlânticos» não se poupar elogios à «beleza natural» de Portugal, à simpatia e hospitalidade dos portugueses e ao regime estado-novista que, supostamente, combateria a lassidão, a mendigagem e sujidade herdadas da «decadência liberalista» das décadas anteriores, o contacto com o Outro é, sempre que possível, instrumentalizado para enaltecer a «nova» Alemanha nacional-socialista. Enquanto os relatos de viagens destinados à opinião pública se mostram claramente empenhados numa retórica que, em simultâneo, propagandeia a nova amizade luso-alemã e tenta incutir aos alemães um forte sentimento de orgulho patriótico, há, relacionado com estas viagens marítimas da «Força pela Alegria», uma outra espécie de representação do contacto



Capa do livro de Hans Biallas (1936): *Rumo ao Sol*.

intercultural que já não deixa qualquer dúvida acerca da «imagem verdadeira» que os viajantes convictamente nacional-socialistas projectaram dos portugueses.

VII

Refiro-me aos *Spitzelberichte der Vertrauensmänner für Auslandsreisen*, ou seja, aos relatos de espionagem redigidos pelos chamados «Homens de Confiança para Viagens ao Estrangeiro» que participavam camuflados nos cruzeiros e redigiam uma espécie muito peculiar de «diários de viagem». Nesses relatórios, os agentes da *Gestapo* (*Geheime Staatspolizei*), isto é, da Polícia Secreta do Estado nazi, para além de mostrarem estar muito atentos aos comportamentos dos próprios turistas da *KdF* a bordo e em solo estrangeiro, traçam uma imagem dos portugueses bem menos positiva do que aquela mediatizada para consumo público. É certo que também nos relatos publicados aparecem, aqui e acolá, laivos de um chauvinismo mais ou menos explícito, assim, por exemplo, quando Schaffner (1936: 106ss.) descreve a Madeira como «um produto puramente natural» («ein reines Naturprodukt»), onde «as culturas não se substituíram umas às outras» («keine Kulturen lösten hier einander ab»), e se refere aos seus habitantes como «seres humanos que vivem como os animais ou as flores» («Die Menschen leben hier wie Tiere oder die Blumen.»)

fazendo das rochas e das grutas suas casas. Em nítido contraste com «os altos, louros e activos Nibelungos» («lange, blonde, tatengierige Nibelunge») representados pelos turistas da *KdF*, os madeirenses são ainda caracterizados pelo mesmo autor como «tranquilos, pequenos e simpáticos ilhéus meridionais» («stille, kleine, freundliche Südinsulaner») que, ao contrário, do povo germânico, não aspirariam à «liberdade e ao poder» («Freiheit und Macht»). Outra faceta menos positiva, se bem que maioritariamente referida apenas *en passant*, é a frequente chamada de atenção para o «Mosaik der Rassen» (Paust, 1936: 48) que pouco abonaria a favor da população portuguesa. No entanto, é sobretudo nos relatos secretos dos espíões-viajantes que o complexo de superioridade sociocultural, política e rácica se manifesta de forma mais evidente. Como seria de esperar, neste curioso espécime da «literatura de viagens», mais do que se enunciar as belezas turísticas, são sobretudo salientados os «lados sombrios» da sociedade portuguesa, conforme se pode verificar nos seguintes exemplos dessa estranha forma de representação intercultural:

Die Verwahrlosung und der Schmutz Lissabons und der großen Masse seiner Bewohner ist zum Teil derart stark, daß unsere Urlauber schwer erschüttert wieder an Bord kamen. (*Akten*, R 58/950: 79)

[A decadência e a sujidade de Lisboa e da grande massa de seus habitantes é tão impressionante que os nossos turistas regressavam profundamente abalados a bordo.]

Die Häuser sowie das Volk machen durchweg einen schlechten, unsauberen und unhygienischen Eindruck, obwohl die Verhältnisse in der Stadt im Vergleich zu denen auf dem Land noch als gut anzusehen sind. (*Akten*, R 58/950: 89)

[As casas e o povo deixam uma impressão profundamente negativa de sujidade e falta de higiene, apesar de as condições de vida na cidade, comparadas às do interior do país, ainda poderem ser consideradas boas.]

Für den Ausländer ist besonders unerträglich die Kinderbettelerei. Es gab wohl keinen Reisenden, der nicht mehrmals von Kindern und Halbwüchsigen um deutsche Zigaretten und “Pfennige” angebettelt wurde. (*Akten*, R58/950: 335)

[O que se torna sobremaneira insuportável para um estrangeiro é a mendigagem infantil. Não terá havido um único turista que não tenha sido repetidamente abordado por crianças e adolescentes mendigando cigarros e moedas alemães.]

Mas não só a miséria social, a mendigagem – sobretudo a infantil – e a sujidade impressionam os «Homens de Confiança» nacional-socialistas durante as suas missões em solo português. Também a questão da raça os incomoda, como se constata na seguinte entrada de um outro relatório:

Auffällig war [in Lissabon] [...] die in den Arbeitervierteln zu Tage tretende Armut und der ungeheure Schmutz. Ebenso bietet auch die Durchschnittsbevölkerung ein rassisch schlechtes Bild. (*Akten*, R58/950: 335)

[O que (em Lisboa) salta à vista é a manifesta pobreza e a enorme imundice dos bairros operários. E também a generalidade da população dá uma imagem negativa do ponto de vista rácico.]

É evidente que a estes viajantes ao serviço do regime não interessava tanto fazer propaganda à nova amizade luso-alemã. Seguindo propósitos mais pragmáticos do que os veiculados na literatura de viagens da *KdF* destinada ao leitor/cidadão comum, estavam pois muito mais empenhados em relatar os dividendos concretos que estes contactos interculturais trariam para a política de enquadramento das massas por parte do regime nazi. Em praticamente todos os relatórios secretos que tive oportunidade de analisar se encontram referências à extrema utilidade dessas viagens ao estrangeiro para os propósitos da estabilização da paz social a nível nacional. Os seguintes excertos são a este respeito deveras representativos:

Allgemein war sich der Großteil der Urlauber am Ende der Fahrt darüber klar, daß ein Vergleich in kultureller und politischer Hinsicht, wie auch in Bezug auf Sauberkeit und Lebenshaltung des Arbeiters zwischen beiden Ländern eindeutig zugunsten Deutschlands ausfallen müsse. (*Akten*, R58/950: 5)

[De um modo geral, no final da excursão, à grande maioria dos turistas não restaram dúvidas de que uma comparação entre os dois países a nível cultural e político, assim como no que diz respeito à limpeza e à atitude do trabalhador, resultava inequivocamente a favor da Alemanha.]

Die Urlauber [...] sahen nicht nur die wunderbaren Naturschönheiten, sondern erhielten auch ein Bild von den zum Teil noch sehr schlechten sozialen Lebensverhältnissen [...]. Gerade das letztere wird für besonders wertvoll erachtet, da die Arbeiter hier in einem fremden Land ermessen konnten, was Deutschland in sozialpolitischer Hinsicht bereits erreicht hat. Am vorletzten Tag der Fahrt hielt der Kapitän in einem Schlußapell [*sic*] eine Rede an die Urlauber, in der er zum Schluß kam, daß trotz der gewaltigen Naturschönheiten und trotz der vielen neuen Eindrücke nichts über Deutschland geht. (*Akten*, R58/950: 155)

[Os turistas não viram apenas as maravilhosas belezas naturais, como também ficaram com uma imagem das condições de vida e sociais (dos portugueses), que são em parte ainda muito más [...]. É sobretudo este último aspecto que consideramos muito valioso, já que os trabalhadores alemães puderam aqui, num país estrangeiro, obter uma noção daquilo que a Alemanha já conseguiu atingir do ponto de vista da política social. No penúltimo dia da viagem, o capitão fez um apelo final aos turistas e no seu discurso chegou à conclusão de que, apesar de todas aquelas magníficas belezas naturais e das muitas novas impressões, não há nada que se possa comparar à Alemanha.]

VIII

Mas os contactos entre portugueses e alemães proporcionados pelas «viagens atlânticas» não se cingiram apenas àqueles representados na multifacetada literatura sobre as viagens da «Força pela Alegria» e nos relatórios secretos. Tão-pouco aos encontros de rua entre turistas e visitados. Houve-os também a nível institucional. As implicações políticas – e isto ao mais alto nível – destes cruzeiros a terras lusas sob a bandeira suástica são pois evidentes. Em todos os «cruzeiros atlânticos» houve encontros, convites e visitas a nível oficial. O próprio Robert Ley, chefe da «Frente de Trabalho Alemã» e figura de destaque do regime nacional-socialista, durante o primeiro cruzeiro a Portugal, em Março de 1935, foi convidado do Presidente da República Portuguesa Óscar Carmona e de António Ferro no Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). A troca de galhardetes entre ilustres figuras da vida pública portuguesa e alemã por ocasião das festas a bordo dos paquetes da KdF ou de recepções dadas, quer pela embaixada alemã em Lisboa e pelo consulado no Funchal, quer pelo SPN e pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), encontram-se vastamente documentadas na imprensa portuguesa da época, onde eram ainda repetidamente realçados episódios simbólicos da amizade luso-alemã, como, por exemplo, a oferta de um leão-bébé por parte do jardim zoológico de Berlim, transportado para Lisboa num navio da *Kraft durch Freude*, ou, ainda, a atribuição, com pompa e circunstância, de uma medalha de mérito alemã e de um relógio de pulso a um operário portuário português que salvara a vida a um turista da «Força pela Alegria» caído às águas do porto de Lisboa.

É portanto notório que, no plano da política internacional, estas «viagens atlânticas» contribuíram para uma inegável aproximação diplomática luso-alemã, mais que não seja, passageiramente até ao início da guerra, altura em que Salazar, ao optar pela «neutralidade», se (semi)distanciou do Terceiro Reich. Afinal, tratava-

-se precisamente de dois países que tinham acabado de enveredar por caminhos político-ideológicos (não idênticos, porque de facto não o foram) com notórias semelhanças estruturais que fariam dos portugueses e alemães, segundo as palavras do embaixador alemão em Lisboa, Baron von Hoyningen-Huene, proferidas em 1937 aquando da condecoração do tal operário portuário a que atrás nos referimos, dois povos «unidos na luta contra a desordem e destruição» em «defesa do Ocidente», alegadamente ameaçado pelo comunismo que, logo ali, na vizinha Espanha, andaria a espalhar o terror (*O Século*, 30 e 31.10.1937).

Já do ponto de vista da política social e cultural do próprio Estado Novo, as viagens da *KdF* serviram como exemplo e incentivo imediato à criação de organizações doutrinadoras estruturalmente semelhantes às existentes na Alemanha nacional-socialista. Assim, a própria «Força pela Alegria» iria fornecer o modelo para a criação da referida Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, instituída em Maio de 1935, ou seja, apenas dois meses após o primeiro cruzeiro *KdF* a Portugal, o que – como já a própria escolha do nome para essa nova organização parece indicar – não aconteceu certamente por acaso, conforme comprova um estudo historiográfico da autoria de José Carlos Valente (1999) em que se explica o contexto do surgimento da FNAT e a sua inspiração directa na congénere organização de lazeres alemã.

XIX

Para resumir e concluir, pode-se afirmar que, a par de terem contribuído para uma evidente aproximação entre Portugal e a Alemanha a diversos níveis, conforme tentei aqui sucintamente demonstrar, os «cruzeiros atlânticos» da «Força pela Alegria», mais do que servirem propósitos *interculturais* propriamente ditos, estiveram sobretudo ao serviço de objectivos sociopolíticos a nível *intracultural*, sem, no entanto, deixarem de visar algumas metas no plano da política internacional. Dito por outras palavras, por via do contacto intercultural e da comparação com um país economicamente menos desenvolvido, pretendeu-se incutir aos alemães um orgulho ainda maior da «nova» Alemanha, pacificar as massas trabalhadoras e enquadrá-las no ideário nacional-socialista, mas, ao mesmo tempo, também atrair potenciais aliados e «sondar» solos estrangeiros para eventuais conquistas no futuro. As viagens turísticas organizadas pela *Kraft durch Freude* e a sua intensa mediatização pelos mais diversos meios de comunicação de massas terão de ser assim perspectivadas como uma parte constitutiva da estratégia geral de uma «mobilização total», a que Ernst Jünger apelara, já em 1930, e que visava preparar

o povo alemão para a «grande conquista de espaço vital» há já muito projectada por Hitler na sua «bíblia» do nacional-socialismo (Matos, 2005). Estes cruzeiros, esta «marcha turística» da nação alemã – que foi, como se viu, apologeticamente recepcionada e apoiada pelo regime português de então – constituiu a primeira etapa de uma terrível cruzada que, por fim, conduziu vários milhões de pessoas à morte.

Conforme nos recorda Günter Grass (2002) na sua novela *Im Krebsgang*, a sinuosa história e o destino trágico de um dos imponentes «navios sem classes» da organização de lazeres «Força pela Alegria» reflecte de um modo peculiar e emblemático o potencial destrutivo subjacente à apropriação e instrumentalização de um domínio aparentemente apolítico, que é a viagem turística, por parte do regime nacional-socialista. O pacote de luxo *Wilhelm Gustloff*, que, ainda antes de estalar a II Guerra Mundial, passara de imponente veículo turístico a navio transportador das tropas alemãs da «Legion Condor» que lutaram ao lado de Franco na Guerra Civil de Espanha, a partir de 1939 iniciou sua função como «hospital flutuante», para, já na fase final do Terceiro Reich, desempenhar o papel humanitário de salvar os refugiados das zonas leste da Alemanha aquando do avanço do exército soviético. Em 30 de Janeiro de 1945, precisamente doze anos após a tomada de posse de governo pelos nazis, o navio *Wilhelm Gustloff* foi alvejado por torpedos soviéticos e afundou-se com mais de cinco mil pessoas a bordo.¹⁰

O turismo organizado pela *Kraft durch Freude* demonstra exemplarmente – um exemplo drástico, é certo, mas não será o único – que não podemos perspectivar o fenómeno da viagem apenas como um meio de contacto intercultural bem intencionado, como um espaço neutro de diálogo entre vozes igualitárias e, portanto, como o meio que conduz linear e obrigatoriamente a uma *Weltbürgertum*, ao «cidadão do mundo», que o iluminismo idealizou no seu programa de um humanismo cosmopolita e que os estudos interculturais por vezes perpetuam de um modo algo ingénuo. A viagem serviu, desde sempre, também propósitos egoístas e interesses imperialistas. Infelizmente, não me parece que, mesmo na nossa era dita pós-colonial e num mundo idealizado como «aldeia global», a viagem tenha deixado de ser esse estranho fenómeno bicéfalo, um palco de encenação com um duplo fundo.

10 Veja-se, a este respeito, os dois estudos recentes da autoria de Júlia Garraio e Vasco Gil Mantas (2007).

Bibliografia

- Akten: Überwachung von Reisen in das Ausland*, Bestand R 58 – Reichssicherheitshauptamt, Bundesarchiv (Potsdam).
- Arbeitertum* (Revista quinzenal da DAF) [diversos números: 1935-1939].
- Biallas, Hans (1936), *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*. Berlin, Freiheitsverlag.
- Brenner, Peter J. (1990), *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*. Tübingen, Niemeyer.
- (1997), «Schwierige Reisen. Wandlungen des Reiseberichts in Deutschland 1918-1945», in: P. J. B. (Hrsg.), *Reisekultur in Deutschland. Von der Weimarer Republik zum >Dritten Reich<*. Tübingen, Niemeyer, 127-176.
- Busch, Karl (1938) (Hrsg.), *Unter dem Sonnenrad. Ein Buch von Kraft durch Freude*. Berlin, Verlag der Deutschen Arbeitsfront.
- (1940) (Hrsg.), *Nach den »Glücklichen Inseln«. Mit KdF-Flaggschiff »Robert Ley« nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa*. Berlin, Verlag der Deutschen Arbeitsfront.
- O Comércio do Porto (20.03.1935).
- Correia, Maria Assunção Pinto (1996), «Im ICE 572 Hannah Arendt. Einige Gedanken über den Stand der Forschung des Exils von 1933», *RUNA. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.º 25, 457-464.
- Diário da Manhã* (08.10.1937).
- Emonts, Martina (1997), «"Força pela Alegria". O mito da Ilha da Madeira na versão nacional-socialista», in: Ana Margarida Falcão et al. (org.), *Literatura de Viagem. Narrativa, História, Mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 135-146.
- Frommann, Bruno (1992), *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen. Arbeiter-Reisen und Kraft durch Freude-Fahrten*. Diss., Historisches Institut der Universität Stuttgart.
- Garraio, Júlia / Mantas, Vasco Gil (2007), *Em torno da novela Im Krebsgang de Günter Grass*, Coimbra, cadernos do cieq, n.º 28.
- Gersão, Teolinda (1992), «A passagem de Alfred Döblin por Lisboa», *RUNA. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.ºs 17-18, 57-64.
- Grass, Günter (2002), *Im Krebsgang. Eine Novelle*, Göttingen, Steidl Verlag.
- Grossegese, Orlando (1996), «A lição alemã na Mocidade Portuguesa», in: Marques et al. (coord.), 185-197.
- Herf, Jeffrey (1984), *Reactionary modernism. Technology, culture and politics in Weimar and the Third Reich*, Cambridge, University Press.
- Hinrichs, August (s.d.), *Petermann fährt nach Madeira*, in: A. H., *Drei heitere Bühnenstücke*, Leipzig, Edmund Huyke Verlag, 120-251.

- Jünger, Ernst (1980), «Die Totale Mobilmachung», in: E. J., *Sämtliche Werke. Essays I. Betrachtungen zur Zeit*, Bd. 7, Stuttgart, Klett-Cotta, 119-142 [1.ª ed., 1930].
- Kracauer, Siegfried (1977), «Die Reise und der Tanz», in: S. K., *Das Ornament der Masse*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 40-49 [1.ª ed., 1925].
- Louçã, António (1997), *Negócios com os Nazis. Ouro e outras Pílhasgens, 1933-1945*, Lisboa, Fim de Século.
- Marques, Ana Isabel (2001), *Paisagens da Memória. Identidade e Alteridade na Escrita de Ilse Losa*, Coimbra, MinervaCoimbra e Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.
- (2009), *As Traduções de Ilse Losa no Período do Estado Novo: Mediação Cultural e Projecção Identitária*, Diss. de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Marques, A. H. Oliveira et al. (1996), *Portugal – Alemanha – África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão*, Lisboa, Colibri.
- Matos, Mário (1996), «Turismo nazi em Portugal (1935-1939)», in: Marques et al. (coord.), 199-214.
- (1997), *As viagens marítimas da organização nazi Kraft durch Freude a Portugal (1935-1939): turismo, literatura e propaganda*. Diss. de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- (2005), «Tourismus und „Totale Mobilmachung“ oder Kraft durch Freude-Auslandsreisen als interkulturelle Inszenierung», in: Karl-Siegbert Rehberg et al. (Hg.), *Mobilität-Raum-Kultur. Erfahrungswandel vom Mittelalter bis zur Gegenwart*, Dresden, Thelem, 247-263.
- Mommsen, Hans (1991), «Nationalsozialismus als vorgetäuschte Modernität», in: H. M., *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 405-427.
- Mühlen, Patrick von zur (1992), *Fluchtweg Spanien-Portugal. Die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa*, Bonn, Verlag J. H. W. Dietz.
- Opitz, Alfred (1990), «Friedrich von [sic] Sieburg: Estado Novo e Velho Portugal – um duplo retrato», in: A. Gama Xavier / António Franco (eds.), *Aspectos da História Luso-Alemã*, Lisboa, 103-110.
- Paust, Otto (1936) (Hrsg.), *KdF – Das große Urlauberschiff*, Berlin, Dresden, Wilhelm Limpert-Verlag.
- Pimentel, Irene Flunser (2006), *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*, Lisboa, Esfera dos Livros.
- Publicações do período nacional-socialista existentes no Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra. Catálogo Bibliográfico* (2003), Coimbra, cadernos do cieq, n.º 6.
- Rostock, Jürgen / Zadnicek, Franz (1992), *Paradiesruinen. Das KdF-Seebad der Zwanzigtausend auf Rügen*, Berlin, C.H. Links.
- Reichel, Peter (1993), *Der schöne Schein des Dritten Reiches. Faszination und Gewalt des Faschismus*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag.
- Saramago, José (1984), *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Caminho.
- Schaffner, Jakob (1936), *Völk zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der KdF-Hochseeflotte*, Hamburg, Hanseatische Verlagsanstalt.
- Schön, Heinz (1987), *Die KdF-Schiffe und ihr Schicksal*, Stuttgart, Motorbuch Verlag.
- Schwarz, Reinhard (2006), *Os Alemães em Portugal 1933-1945. A colónia alemã através das suas instituições*, Porto, Antília Editora.
- O Século* (17.03.1935; 30.10.1937; 31.10.1937)
- Spode, Hasso (1991), «Die NS-Gemeinschaft »Kraft durch Freude« - ein Volk auf Reisen?», in: H. S. (Hrsg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*, Berlin, Werner Moser Verlag für universitäre Kommunikation, 79-93.
- Strasen, E. A. / Gândara, Alfredo (1944), *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Berlim, Instituto Ibero-Americano.
- Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos, Estado Novo. Ensaios de História Política e Cultural* (2 vols.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Valente, José Carlos (1999), *Estado Novo e Alegria no Trabalho. Uma História Política da FNAT (1935-1958)*, Lisboa, Colibri.